

OS ALUNOS DA 8ª SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL EM MINAS GERAIS: desempenho em redação (análise qualitativa)

MARIA HELENA BRAGA MENDES*
MARIA DA GLÓRIA AMORIM SANTOS*
HÉLIO MALLET**

1 - INTRODUÇÃO

Da análise de textos produzidos pelos alunos que, em novembro de 1992, cursavam a oitava série do Ensino Fundamental (turnos diurno e noturno) das Escolas da Rede Estadual de Minas Gerais, originou-se o estudo que ora apresentamos à consideração de quantos se interessam pela melhoria da qualidade do ensino da língua pátria.

Trata-se de um esforço no sentido de subsidiar os professores na prática pedagógica e nas reflexões em busca de soluções adequadas à realidade de seus alunos.

2 - ANÁLISE DAS REDAÇÕES

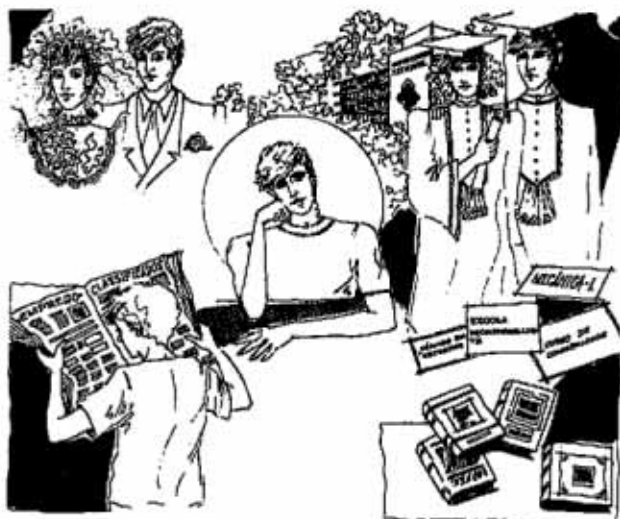
2.1. Tema

Foi proposto para cada turno um tema relacionado com as vivências características da faixa etária dos alunos avaliados. Ambas as propostas foram apresentadas de modo genérico, sob a forma de estímulo aberto, propiciando ao estudante maior liberdade na delimitação do assunto.

* Técnicos de Assuntos Educacionais da Diretoria de Avaliação da Secretaria de Estado da Educação de Minas.

** Professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira.

REDAÇÃO



..VOCÊ ESTÁ CONCLUINDO O PRIMEIRO GRAU.

..QUAIS SÃO SEUS PLANOS E PERSPECTIVAS PARA O FUTURO ?

..FAÇA UMA REDAÇÃO DE APROXIMADAMENTE VINTE LINHAS EXPONDO SUAS IDÉIAS SOBRE ESSE ASSUNTO.

REDAÇÃO



● FAÇA UMA REDAÇÃO DE APROXIMADAMENTE VINTE LINHAS FALANDO SOBRE AS DIFICULDADES QUE OS ALUNOS DA ESCOLA NOTURNA ENFRENTAM NA TENTATIVA DE CONCILIAR TRABALHO E ESTUDO.

● DÊ UM TÍTULO À SUA REDAÇÃO.

2.2. Procedimentos

As redações foram avaliadas simultaneamente sob os aspectos quantitativo e qualitativo.

Os avaliadores optaram pelo método holístico, tomando como parâmetro o desempenho dos alunos não apenas em uma mesma escola ou em determinada DRE, mas no contexto geral do Estado de Minas. Foram alvo de observação os seguintes aspectos:

CONTEÚDO:

- pertinência na abordagem do tema;
- importância das idéias em relação ao assunto;
- organização geral do texto;
- organização e distribuição das idéias nos períodos e nos parágrafos;
- propriedade e variedade do vocabulário;
- ortografia.

APLICAÇÃO DOS CONHECIMENTOS LINGÜÍSTICOS PREVISTOS NO PROGRAMA BÁSICO PROPOSTO:

- estruturação dos períodos;
- emprego de sinais de pontuação;
- emprego do nome, do pronome e do verbo;
- emprego dos casos usuais de regência.

Tendo em vista o elevado número de textos a serem analisados, bem como a diversidade de impressões suscitadas por um mesmo texto, que às vezes se revela satisfatório sob o ponto de vista do conteúdo, mas precário quanto ao aspecto instrumental ou vice-versa, sentiu-se a necessidade de se adotarem procedimentos que assegurassem maior objetividade à avaliação. Daí ter-se convencionado:

- atribuir pesos a cada um dos aspectos analisados, priorizando-se o plano das idéias;

- estabelecer como parâmetro os textos com desempenho lingüístico médio (nota 5). Uma vez que se define com precisão esse nível, torna-se mais precisa a distribuição dos textos superiores e inferiores à média, na escala de 0 a 10.

Paralelamente à análise das redações, foi feito um minucioso registro das observações dos avaliadores, fartamente comprovadas com transcrições de passagens dos textos produzidos pelos alunos.

Ao final dos trabalhos em cada DRE, a equipe de especialistas envolvidos na avaliação se reunia para troca de impressões, comentários sobre a realidade verificada e confronto dos resultados quantitativos tabulados pelo pessoal de apoio, visando a detectar alguma possível tendenciosidade ou diversidade dos padrões de julgamento. Constatou-se, ao longo do processo, notável acordo entre os integrantes da equipe, tendo o coeficiente de objetividade se revelado bastante significativo em cada Delegacia.

2.3. Tendências verificadas

Pudemos constatar que, em linhas gerais, o desempenho lingüístico dos alunos, embora tenha apresentado variações - algumas vezes bastante sensíveis - de uma

escola para outra, revelou-se um tanto quanto padronizado dentro da mesma escola. Manteve-se também constante, em praticamente todas as DRE, uma dificuldade mais pronunciada dos alunos do noturno em relação aos do diurno, tanto no aspecto de argumentação, quanto no de organização do texto e de aplicação prática dos conhecimentos gramaticais básicos.

Em termos mais específicos, a análise dos dados coletados possibilitou o seguinte diagnóstico a respeito da qualidade da expressão escrita dos alunos pesquisados:

2.3.1. Quanto ao conteúdo

A maioria dos alunos elegeu a dissertação como a forma de produção preferida. Faltou-lhes, todavia, a habilidade de argumentação requerida nesse tipo de discurso. As idéias são normalmente elementares e pouco variadas.

Raros foram os casos de fuga ao tema, principalmente no turno diurno, os textos, de modo geral, foram pertinentes em relação à proposta. Mas, por outro lado, raríssimas foram as produções cujos autores demonstraram algum esforço de originalidade. No todo, pode-se dizer que os textos foram bastante padronizados.

2.3.1.1. Quanto ao vocabulário

A linguagem, bem característica da faixa etária envolvida na pesquisa, revelou-se normalmente solta, descontraída, espontânea. As gírias e expressões típicas da fala são usadas com grande liberdade, muitas vezes em desacordo com o tipo de registro escolhido e o tom geral do texto:

- *“Como é que neguinho vai estudar se ele mora num país fudido economicamente?”*
- *“(...) o que realmente importa é não deixarmos a peteca cair.”*
- *“(...) lutar com muita garra.”*
- *“Você tem que ralar como um condenado.”*

Paralelamente às gírias e clichês, surpreenderam pela frequência os neologismos, criados possivelmente para suprir limitações do vocabulário:

- *“(...) tudo ajuda na prejudicação do aluno.”*
- *“Prá quem se ocupa somente com os estudos, seus resultados são bem lucrosos.”*
- *“as riscagens de paredes, quebragens de janelas (...)”*
- *“A pessoa podia ter adequadamente um estudo compreensivo se não fosse a ma empregaçã do dinheiro do governo.”*
- *“(...) o explicamento da matéria (...)”*

Os chavões repetiram-se a cada passo, sempre os mesmos, nas várias DRE, talvez por influência dos livros - texto adotados:

- *“Eu agora vou ter que pular igual tico-tico.”*
- *“A esperança é a última que morre.”*
- *“Sem estudo não somos ninguém.”*

- *"Lutamos pelo pão de cada dia."*
- *"Vou firme, sem medo de ser feliz."*

Inúmeros foram os empregos totalmente inesperados de palavras comuns, usuais no vocabulário cotidiano. Também bastante usual o uso de palavras exóticas, capazes de provocar impacto no leitor, mas cujo sentido, muitas vezes, escapa ao autor:

- *"Quero ter ganância na aprendizagem do ensino em geral."*
- *"Tenho receio por fazendas agropecuárias. Quero trabalhar com animais."*
- *"Pois vivemos de um salário mísero, quase inválido."*
- *"Não aguentava mais o serviço e foi admitido."*
- *"Isso me distrai e também me dá um tédio ao me ver arquiteta."*

Na totalidade dos textos produzidos, observou-se a ausência de figuras de linguagem e de recursos de estilo capazes de propiciar maior expressividade e leveza aos textos. Não há qualquer preocupação no sentido de tornar a expressão do pensamento mais agradável e criativa. Não se observou também empenho no sentido de ler o rascunho da redação e aperfeiçoar a produção inicial. Os alunos, de modo geral, não parecem ter consciência de que a produção de um texto demanda planejamento, é um trabalho pensado e repensado, construído e revisto.

Fortemente marcados pela informalidade, os textos analisados enunciam os problemas por que passam a comunidade e a escola:

- dificuldades financeiras sérias;
- precariedade dos prédios e instalações em geral, com ênfase na péssima iluminação das salas de aula;
- inexistência do ensino de 2º grau na localidade e, conseqüentemente, interrupção dos estudos;
- não cumprimento da carga horária em conseqüência de problemas freqüentes com a distribuição de energia elétrica na região;
- precariedade ou inexistência de biblioteca na unidade escolar;
- em muitas escolas a biblioteca não funciona à noite, nem aos sábados e domingos, quando os alunos dispõem de tempo para pesquisas e consultas;
- insegurança na escola e arredores, notadamente no período noturno;
- despreparo, descaso e grosseria do pessoal que trabalha na escola (reflexo do descaso do Poder Público com a Educação), dificultando e mesmo impedindo a efetivação da aprendizagem.

A última observação se revelou a mais freqüente e incisiva de todas e diz respeito a professores, diretores, pessoal administrativo, bibliotecários e pessoal da limpeza.

Notou-se um anseio acentuado de transformação do segundo grau noturno em profissionalizante.

Como já foi dito, predominou o tom de sinceridade; o aluno escreve o que realmente pensa, sem censura alguma:

- *"Deixo aqui o meu protesto para que as autoridades competentes, façam valer este para que melhore a base do conteúdo das matérias, os livros didáticos sejam mais atualizados pois para nível de seleção ainda muitas escolas estaduais deixam muito a desejar."*
- *"O futuro profissional de um aluno do Estado é incerto."*

- *“Dizem que a escola é nossa segunda casa. Será mesmo?”*
- *“Não sei bem o que eu quero ainda estou inserto do que quero para mim mas o que eu queria mesmo era ser igual a meu pai vagabundo e mulherengo.”*

Freqüentemente o humor funcionou como elemento de ligação entre o produtor do texto e o leitor:

- *“Ei! você que está lendo, desculpe, mas eu costumo desabafar com papel. Até a próxima!!”*

Trabalhe & estude

Não fique coçando....

CAPITÃO GANCHO morreu assim!!!”

2.3.1.2. Quanto à organização das idéias

No que se refere à organização geral do texto, verificou-se a tendência de se seguir o modelo formal, construído em torno de uma introdução, um desenvolvimento e uma conclusão. Contudo, a correspondente distribuição do conteúdo entre as partes nem sempre é satisfatória. Observe-se, a título de exemplo, a redação reproduzida no ANEXO I.

A mesma dificuldade pôde ser constatada quanto à construção dos parágrafos. Normalmente o aluno respeita o aspecto formal, ou seja, recua o parágrafo em relação à margem, mas falta-lhe, geralmente, uma maior habilidade para delimitar os parágrafos, tendo em vista as idéias veiculadas. Observem-se, a título de exemplo, alguns parágrafos que pecam por falta de unidade de conteúdo. As idéias são jogadas casualmente no papel sem qualquer planejamento prévio. O aluno parece desconhecer que os fatos devem ser enunciados um de cada vez, desprezando-se aqueles que não são essenciais ou que não se relacionam com a idéia predominante no parágrafo:

- *“Vou fazer inscrição no curso da CEMIG, estou recebendo apoio de maus parentes. Sobre a política que estamos vivendo os eleitores parecem uns anal-fabetos.”*
- *“Nem sempre as necessidades humanas são iguais. Nos vivemos num mundo cheio de contraste, mas repleto de coisas valiosas. Eu tenho 15 anos de idade, estou concluindo o primeiro grau. A vida nos ensina a cada dia que para vencermos é preciso muita luta (...)”*
- *“Meu sonho é formar e seguir o que desejo. Quem não tem estudo praticamente não tem lugar no mundo. Veja só esses políticos roubando do povo e o povo aplaudindo (...)”*

Um número expressivo de alunos não conseguiu organizar adequadamente suas idéias, sendo comum associá-las livremente ou repeti-las ao longo do texto, contrariando a expectativa de um texto objetivo, fluente e com idéias bem concatenadas. Veja-se um exemplo de produção satisfatória no ANEXO II.

O elementarismo de idéias revelou-se também uma tendência bem marcante nos textos. O aluno normalmente vai e volta, fazendo ligeiras variações em torno de uma mesma idéia, como ilustra o parágrafo abaixo transcrito:

- *“às vezes você precisa mudar de escola, quer estudar à noite porque trabalhar e não encontra vagas. As escolas estão sempre cheias e por isso sempre dizem que não há vagas. O meu caso por exemplo eu preciso mudar de escola por causa do meu trabalho e não encontro vagas. Sempre está cheia.”*

2.3.1.3. Quanto à ortografia

No conjunto dos textos, os desvios registrados não chegam a causar preocupação quanto ao aspecto numérico. Todavia, causam surpresa, por se tratar de deslizos muito primários.

Há palavras que não devem ser acentuadas e recebem acento e vice-versa. Além disso, muitas palavras têm seu acento deslocado, o que é bastante sério, pois sabe-se que não é usual deslocar a sílaba tônica da palavra ao pronunciá-la. Este fato parece sugerir que o aluno não estabelece relação entre a sílaba tônica e o correspondente acento gráfico:

Acento Indevido	Acento Deslocado	Ausência de Acento
<i>psicología</i>	<i>basico</i>	<i>esta (está)</i>
<i>dígna - dígua</i>	<i>peíssimos</i>	<i>e (é)</i>
<i>partícular</i>	<i>dialógo</i>	<i>exerce-la (exercê-la)</i>
<i>matríz</i>	<i>ciêntifico</i>	<i>colegio</i>
<i>ginásial</i>	<i>comôdos</i>	<i>eles tem/vem</i>

O uso do trema é totalmente desconhecido pelos alunos avaliados:

ex: *aguentar, frequentar, conseqüentemente.*

Outra convenção bastante desconsiderada foi a divisão silábica em final de linha, apresentando as mais variadas dificuldades, que normalmente são vencidas até a 4ª série do 1º grau:

melh-or, pa-ssear, subl-ime, mu-ito, garantirm-os, des-empenhou, consegui-r, algué-n, a-dvogado, form-atura, empr-ego, apre-ndemos

Há também pouca preocupação com o uso das letras maiúsculas, sendo comum iniciar o próprio nome, o nome da escola e do município com minúsculas. Exemplo:

- "*Aqui no brasil (...)*"
- "*(...) de santa luzia(...)*"

As dificuldades ortográficas mais usuais verificadas nos textos dos alunos da 8ª série relacionam-se com trocas e acréscimos indevidos de letras:

pençar, sinço, adivogado, estrainha, também, proucura, dificuldades, enssino, forssa, inulteis, diflcio, discancar, orário, dormino, aprendizágio, lzagerados, bonba, diflssiú-péxima, canham (ganham), pulplico (público), conto (quanto), passão (passam)

2.3.2. Quanto à aplicação de conhecimentos lingüísticos básicos:

2.3.2.1. Estruturação dos períodos

De modo geral, observou-se maciça preferência por períodos compostos, contrariando a expectativa dos avaliadores, que apostavam no predomínio de períodos simples, por exigirem menos esforço e menor domínio de recursos lingüísticos por parte do elaborador.

Verificou-se também certo equilíbrio quanto à incidência do emprego da subordinação e da coordenação, em ambos os turnos.

Dentre os inúmeros casos de estruturas coordenadas, pôde-se constatar notável preferência pelas construções sindéticas aditivas (e), adversativas (mas), conclusivas (portanto) e explicativas (pois, porque).

Algumas dificuldades se evidenciaram de modo generalizado e significativo na articulação dessas modalidades de orações:

Uso abusivo da conjunção “e”

Esse traço, peculiar à fala, manifestou-se com elevada incidência no CBA e remanesceu ao longo do Ensino Fundamental;

- *“(...) já terei me formado e trabalharei muito para conseguir exercer minha profissão com êxito e poder estudar psicologia e me entregar sem correira ao meu casamento e pensar em ter filhos e ser muito feliz.”*

Falta de simetria de construção ao se relacionarem orações ligadas pelas conjunções e/ou.

Em construções do tipo *“Então eu perguntei se ele preferia aulas noturnas ou durante o dia”*, ideal seria que os elementos da frase, coordenados entre si pela conjunção **ou**, tivessem estrutura gramatical idêntica: *Então eu perguntei se ele preferia aulas noturnas ou (aulas) diurnas.*

Nesse tipo de equívoco incorrem inúmeros estudantes, conforme atestam as estruturas arroladas a seguir:

- *“... posso ainda continuar minha carreira de estudante, e fazendo outros cursos diferentes.”*
- *“...se eu quiser, poço fazer medicina, que é uma das melhores opções no mercado de trabalho ou até mesmo administrador de Empresas...”*
- *“... tenho fé em mim mesma, esperança e ser positiva.”*

Essa quebra de paralelismo entre dois membros da estrutura da frase ocorre especialmente quando o aluno usa conectivos com significantes descontínuos, que indicam soma de argumentos, do tipo: não só... mas também, tanto... quanto, além de...

Os exemplos a seguir ilustram bem essa tendência:

- *“Eu quero ser uma pessoa de sucesso, tanto na vida particular, tanto quando estiver exercendo a profissão que escolher.”*
- *“(...) tentar ser um filósofo que exponha teses para ajudar a sociedade em geral tanto quanto economicamente, tanto quanto politicamente.”*
- *“(...) quer trabalhar para ajudar os pais, quanto nos materiais, quanto na compra dos alimentos para a família.”*
- *“Além de não saber desenhar muito bem, eu gostaria de ser um desenhista.”*
- *“Além de precisarmos muito do estudo parece que não precisamos de quase nada. Pois o estudo é muito fraco.”*

Observe-se que em vários exemplos a expressão “além de” foi usada em lugar de “apesar de”.

Essa assimetria nas construções, bem como a exploração inadequada do valor semântico dos elementos relacionais foram presenças marcantes nos textos analisados.

Inadequação no uso da conjunção “mas”

São incontáveis os casos em que essa conjunção é empregada fora de sua função habitual, ou seja, a de ligar orações de sentido adverso ou contrário:

- *“Formar para professor não é uma má idéia, mas eu quero.”*
- *“(...) este sonho de ser um jogador de futebol é difícil para mim, mas não deixa de ser um sonho impossível.”*
- *“(...) sempre foi difícil meus estudos, mas tinha que trabalhar.”*
- *“Eu venho enfrentando dificuldades no estudo, mas eu trabalho.”*

Uso redundante da dupla adversativa “mas porém”

- *“sem o grau de estudo, não conseguem trabalho nenhum, mas porém o aluno deve estudar bastante para ter uma vida tranqüila.”*
- *“Meus planos para o futuro são ainda desconhecidos, mas porém nunca esquecerei o esforço dos professores.”*

Emprego de “mais” por “mas”

- *“(...) mais mesmo com este aperto todo somos supre felizes.”*
- *“(...) sei que eu tinha que ter pelo menos o 2º grau mais acho que eu não levo jeito para estudar.”*
- *“Não são todos, mais alguns não ensina direito.”*

Emprego inadequado da conjunção “portanto” sem qualquer preocupação de se vincular o que foi dito antes com a conclusão encabeçada pelo “portanto”.

- *“Tenho planos excelentes para o meu futuro, portanto vou ser um profissional competente e ter um bom emprego.”*
- *“Vou realizar o meu grande sonho me formar Dentista, portanto meus familiares vai ficar muito felizes.”*
- *“(...) depois que eu terminar o 2º grau, vou fazer engenharia. Portanto, com esse curso completo vou ter mais facilidade.”*

Em uma amostragem bastante significativa, observou-se a presença sistemática da conjunção “portanto” na transição entre o fim do desenvolvimento e o início do parágrafo conclusivo. Todavia, em muitos casos, o “portanto” não estabelece relação entre o que se disse antes e a conclusão propriamente dita:

“... quero ser muito feliz com meus alunos e meus colegas, sendo uma professora carinhosa e gentil.

Portanto, espero que este sonho se torne realidade muito breve, se Deus quiser.”

“... isso sem contar as aulas que ele vai perder, chegando atrasado e até não dando para vir a aula.

Portanto, aqueles que são pobres e não tem condições, se quiserem manterem seu estudo é obrigado a trabalhar e se não for assim acaba saindo da aula."

Observe-se também essa tendência no ANEXO I.

Emprego inadequado da conjunção explicativa "pois".

Na maioria dos casos, a oração que sucede ao "pois" não explana o sentido da proposição anterior, como esperado:

- *"Aqui só há escolas estaduais e não tem nenhuma particular, pois se tivesse não seria todo mundo que iria dispôr dela."*
- *"(...) meu plano é estudar bastante para eu poder conseguir coisa melhores na minha vida pois o meu plano de estudar é para concluir o primeiro grau".*
- *"A maioria dos alunos que trabalham tentam de toda forma estudar pois depois de um trabalho duro e doloroso tentam aprender alguma coisa."*

Uso abusivo da conjunção "pois"

- *"(...) quando começar a trabalhar vou ter que lutar muito, pois uma pessoa que trabalha e estuda tem que ter muita responsabilidade pois o trabalho precisamos dele para sobreviver pois a vida está muito difícil e o estudo sem ele não somos ninguém, pois se a vida já está difícil para quem tem um estudo imagina para quem não tem."*

A redação reproduzida no ANEXO I exemplifica bem essa tendência.

A distinção entre a estrutura coordenada explicativa e a subordinada causal pareceu-nos desnecessária, dentro deste contexto, por se tratar de ponto discutível.

Deixando à parte a sutileza de tal distinção, interessa-nos no momento considerar que, apesar de serem usuais na linguagem cotidiana dos estudantes nexos explicativo-causais do tipo "pois", "porque", seu emprego deixou muito a desejar. Na maioria das vezes, percebe-se que o uso desses conectivos se faz aleatoriamente, apenas para suprir a necessidade de ligar os períodos, para que não fiquem soltos dentro do parágrafo. Não há, contudo, preocupação de estabelecer qualquer relação de significado entre os fatos. Há normalmente total incompatibilidade semântica entre o que se diz antes e depois do conectivo. Inúmeras vezes, por falta do que dizer, o aluno envolve as idéias em uma estrutura circular, conhecida com o nome de tautologia.

Os períodos abaixo são típicos:

- *"não sei bem o que eu quero fazer pois estou em dúvida."*
- *"As pessoas já chegam na escola com fome porque não tem o que comerem em suas casas."*
- *"Trabalho e estudo é uma coisa que devemos fazer com disposição e ânimo, pois se quisermos vencer na vida tem que estudar e trabalhar com coragem e garra."*
- *"Estudar e trabalhar não é fácil, pois é difícil fazer as duas coisas ao mesmo tempo."*

Quanto ao uso do processo sintático da subordinação, observou-se notável preferência pelas orações subordinadas adverbiais, expressando, predominantemente, circunstâncias de tempo (quando) e finalidade (para), em geral empregadas com correção. Esporadicamente foram utilizados conectivos expressando circunstâncias consecutivas (tão... que) e concessivas (apesar de). Quando usados, esses dois nexos revelaram muita dificuldade por parte dos alunos que, salvo raríssimas exceções, incorreram em graves desvios, tanto na estruturação das frases quanto no aspecto semântico (= sentido).

Tentativas de articulações consecutivas:

- *"Fico muito cansado que de vez em quando durmo na sala de aula e no serviço."*
- *"Quando chove dá tanto barro que o córrego enche e fica muito difícil de passar."*
- *"O desconforto na sala de aula é muito que faz os alunos até passarem mal na época de calor."*

Tentativas de articulações concessivas:

- *"Há alguns planos em minha vida, embora tenha a esperança de que sejam realizados."*
- *(...) apesar de ser cansativo, não tenho tempo para me divertir e pouco tempo de lazer."*
- *(...) apesar dos sacrifícios de ter que trabalhar para pagar minha despesa, mas a situação fica difícil, apesar de não ter tempo para estudar."*

Observa-se, em vários exemplos acima, o emprego da expressão "apesar de" em lugar de "além de".

Muito freqüente também é o emprego da expressão "com tudo isso" ao invés de "apesar de":

- *"É uma correria sem fim, com tudo isso, eu gosto de viver trabalhando e estudando."*
- *"(...) enfrentam uma barreira super difícil, mas com tudo isso chegam ao final."*
- *(...) com toda essas dificuldades, nós ainda queremos estudar."*

Pela amostragem, infere-se, uma vez mais, o total desconhecimento do significado dos conectivos e o pouco automatismo de estruturas frasais envolvendo o seu emprego.

Outro tipo de estrutura subordinativa que merece especial atenção, pela apreciável incidência dos desvios estruturais verificados, diz respeito às orações iniciadas por gerúndio. As modalidades mais usadas por alunos da oitava série têm freqüentemente valor causal ou temporal, o qual passa, na maioria das vezes, despercebido pelos estudantes, daí a tendência de deixarem o período incompleto, sem o apoio de oração principal. Eis alguns exemplos:

- *"Tendo deveres escolares para fazer, tendo de fazer esses deveres para conseguirem uma boa nota para que depois de tanto esforço, no final do ano possam ser aprovados."*

- "(...) *as vezes fico desanimado, achando que não vou conseguir, sendo a matéria muito difícil e complicada para esta série.*"

- "*Estando ezausto, chegou em casa, pegou a mochila e foi direto para a escola.*"

- "(...) *muitos de nós acordamos cedo para o trabalho e chegando às vezes atrasados.*"

As orações subordinadas adjetivas (iniciadas pelos pronomes relativos **que**, **quem**, **cujo**, **onde**) constituem um dos problemas mais sérios diagnosticados nas redações pesquisadas.

Uma das propriedades do pronome relativo é fazer com que toda uma oração se comporte como parte de outra. Trata-se de uma estrutura mais elaborada, que exige do aluno certa habilidade para inserir corretamente uma oração em determinado ponto da outra.

Eis alguns exemplos de tentativas mal sucedidas:

- "*Depois de fazer esse curso irei nos lugares que precisam de emprego.*"

- "(...) *farei o segundo grau na própria escola que estudo.*"

- "(...) *hoje somos jovens, de quem a maioria não pensa no futuro.*"

- "*Eu sou uma garota cujo estou concluindo a 8ª série.*"

- "*Estou me preparando para fazer uma prova de seleção cujo quero me formar em Técnico em Eletrônica.*"

O emprego do pronome relativo "onde" merece ressalva especial, dado o volume de inadequações registradas quanto ao seu uso. Chega a ser preocupante a universalidade desse desvio. É usado indiscriminadamente, em qualquer situação, possivelmente por influência da oralidade na expressão escrita.

Eis alguns dos inúmeros exemplos colecionados:

- "(...) *seu pensamento não estava no quadro, e sim no relógio, onde ele mal acabara de chegar e já queria ir embora.*"

- "(...) *profissão bastante progressista onde procura administrar campanhas, políticas e comerciais.*"

- "(...) *penso também em ter dois filhos, bem lindinhos onde eu poça dar e receber bastante amor.*"

- "*Vou ser uma grande professora, onde procurarei ensinar e aprender coisas novas.*"

- "(...) *este é um horário de muito movimento onde há mais ônibus circulando.*"

Os problemas de inadequação do emprego de certas conjunções e dos pronomes relativos, que tanto interferem na integração da oração principal com a subordinada, são agravados pela incidência de períodos aos quais faltam termos essenciais, como o predicado. A maioria dos alunos que concluem o Ensino Fundamental não têm noção de que uma idéia precisa ser totalmente enunciada antes de se dê início a outra.

Ilustram bem essa tendência os períodos abaixo relacionados:

- "(...) *quem estuda à noite o horário é um tanto cansativo.*"

- "*O aluno que estuda a noite é muito difícil para ele conciliar trabalho e escola.*"

- "*A educação física, apesar de proporcionar alguns momentos de lazer o aluno que trabalha das oito às seis da tarde fica muito exausto.*"

Outras vezes o aluno peca por excesso. Sobram termos no período. As frases abaixo ilustram um tipo de defeito encontrado com muita frequência nos textos produzidos pelos alunos da 8ª série:

- "*(Para) uma pessoa que estuda e trabalha tem que ter muita responsabilidade.*"
- "*(N)a escola noturna, tem sido uma dificuldade tremenda para os alunos.*"
- "*(N)o mundo em que estamos vivendo hoje nos oferece poucos ramos de trabalho.*"
- "*Acho que (para) um aluno que trabalha durante o dia e à noite (ele) encontrará inúmeras dificuldades.*"

2.3.2.2. Pontuação

Paralelamente a esses desvios estruturais, a omissão ou inadequação do uso dos sinais de pontuação concorre, muitas vezes, para gerar uma falsa coordenação ou subordinação, comprometendo seriamente a qualidade dos textos. Eis os problemas mais graves constatados:

Oração subordinada separada da principal por ponto final:

- "*(...) sem repetir o ano. Para ser alguém na vida.*"
- "*Hoje é cada vez mais difícil, trabalhar e estudar. Porque o trabalho geralmente exige muito da gente, mais sem ele não podemos continuar com os estudos.*"

Em termos de pontuação, o problema mais significativo verificado no nível de escolaridade pesquisado recaiu sobre o mau emprego da vírgula, especialmente nos seguintes casos:

Ausência de vírgula separando a oração subordinada que precede a oração principal:

- "*Como já escrevi no parágrafo acima (?) não tenho condições financeiras para estudar num colégio que seja pago.*"
- "*Para que a pessoa estude e trabalhe (?) é preciso ter muita força de vontade.*"
- "*Caso consiga entrar lá (?) serei com certeza insenta de alguns gastos financeiros.*"
- "*Quando concluímos o 1º grau (?) aí vem o problema.*"
- "*Se a educação continuar desse modo (?) o Brasil só terá a tendência de regressar.*"
- "*Faltando poucos minutos para terminar a jornada (?) já sinto cansaço.*"

Ausência da vírgula na separação de intercalações, orações e expressões explicativas:

- "*(...) as pessoas que não possui condições (?) assim como eu, deixam de estudar.*"

- "Nós (?) alunos do terceiro turno (?) temos muita dificuldade para trabalhar e estudar."
- "Nós (?) que somos pobres (?) não podemos desistir sem antes tentar de forma honesta melhorar a vida."
- "Todo dia é sempre a mesma coisa (?) quer dizer (?) a mesma rotina."
- "(...) as aulas de Geografia (?) por exemplo (?) são desprovidas de mapas, tão necessários nessa disciplina."

Omissão da vírgula na separação de adjuntos adverbiais:

- "Temos às vezes (?) em certos momentos, deficiências para pensar no futuro."
- "Estudar (?) hoje em dia, não vale mais apena."
- "Mas (?) antes de tudo (?) ajudarei meus pais (...)"
- "(...) pretendo terminar o segundo grau de contabilidade após (?) fazer faculdade de direito."
- "Hoje em dia (?) quem não estuda não consegue vencer na vida."

Ausência de vírgula na separação de conjunções do tipo: porém, pois, portanto...

- "Estudando e trabalhando à noite é difícil (?) porém não é impossível."
- "(...) quero também que meus pais se orgulhem de mim (?) pois eles estão sempre do meu lado."
- "Em nossa cidade só tem o magistério e científico (?) portanto (?) o jeito é ser professora."
- "(...) a pouco tempo recebemos um vídeo (?) porém (?) não temos as fitas."

Emprego indevido da vírgula separando o sujeito do seu predicado

- "(...) as dificuldades do Brasil hoje, (?) nos obrigam a isso."
- "Todas as pessoas no mundo, (?) tentam preparar o presente para que o futuro seja melhor."
- "Espero que eu, (?) seja bem feliz e que eu, (?) tenha um futuro bem próspero e tranquilo."
- "A força da vontade, (?) nos leva a qualquer lugar."

Emprego indevido da vírgula separando o verbo de seus complementos.

- "Após minha formatura procurarei fazer, (?) o 2º grau (...)"
- "(...) ainda não sei bem, (?) o que eu quero fazer."
- "Quantas pessoas gostariam de ter, (?) o pouco de estudo que tenho."
- "Hoje o aluno para estudar (ele) tem que ter, (?) boa vontade, (?) e muita paciência."
- "(...) esforçarei-me para conseguir, (?) um bom emprego (...)"

A impropriedade quase que generalizada do uso dos sinais de pontuação, especialmente da vírgula, alia-se às inúmeras inadequações estruturais, respondendo pela

maioria dos problemas de falta de clareza e ilogicidade. Isso torna muitas vezes impossível ao leitor identificar uma linha aceitável de raciocínio, às vezes em textos inteiros.

Eis alguns exemplos de passagens encontradas com estruturação totalmente caótica:

- "(...) é um país pobre de pessoas sem espírito de humanidade, são aquelas que na qual estão no poder, onde somente a ambição fala mais alto (...)"

- "Todos falam a mesma coisa, que nada acontece com ele por que tem muita gente no mundo para acontecer, por quê vai acontecer comigo."

- "O estudante noturno geralmente nos cursos realizados no matutino e vespertino talvez seja o que mais se sacrifica, porque geralmente ele não tem uma renda percipito para se manter em outras escolas de nível superior, se desgasta basicamente no trabalho em casa na vida em geral."

2.3.2.3. Emprego do nome

Quanto à concordância do adjetivo com o substantivo, observou-se, em mais de 70% das redações, forte marca de oralidade:

- "Os problemas que os alunos da escola noturna passam é muito séria."

- "O aluno tem má rendimento no trabalho (...)"

- "Eu acho maravilhoso as obras, os desenhos, plantas bem calculadas (...)"

- "Há mecânicos bom e mecânicos ruim."

- "(...) estou vendo agora que é maravilhoso os frutos que estou colhendo."

Merece ainda menção o emprego do advérbio, que é erroneamente flexionado pela maioria dos alunos, quando exerce função intensificadora:

- "(...) os cursos técnicos são muitos procurados."

- "(...) quando estou no meio da multidão fico meia acanhada (...)"

- "(...) mistura os problemas do serviço e do colégio e ficam muitos cansados."

- "(...) são muitas poucas vagas para as universidades."

- "(...) ao chegar na escola faz provas bastantes difíceis."

É interessante notar a incidência de casos em que o artigo aparece indevidamente, depois de contração, tendência manifestada desde a fase da alfabetização:

- "Como enfrenta chuva pelas as estradas para não perder as matérias (...)"

- "Tem muita gente que troca o trabalho pelo o estudo (...)"

- "(...) mais vou lutar pelo os meus ideais."

- "Não culpo ninguém pelo o que vem me acontecendo (...)"

2.3.2.4. Emprego do pronome

Relativamente ao uso dos pronomes, o despreparo dos estudantes revelou-se muito grande. Os desvios constatados com maior incidência nesse particular foram:

Uso da ênclise pronominal com o verbo no futuro:

- "Eu tenho certeza que casarei-me e terei um filho (...)"

- "Esforçarei-me bastante e chegarei lá."

- *"Creio que o meu futuro será muito bom, pois o que levará-me tê-lo assim, já estou praticando - o Estudo!"*
- *"(...) onde, empregado, substituirei-o em seus afazeres."*

Raramente foi encontrado o emprego do pronome em posição mesoclítica:

- *"(...) ensinar lhe-ei as coisas que sei (...)"*
- *"Dir-se-ia que hoje em dia (...)"*

Falta de uniformidade entre as pessoas do discurso

Impressionou-nos a frequência de casos em que há inadequação do pronome em relação à pessoa dominante do discurso, com a qual ele deveria estar em conformidade. Observa-se essa dificuldade principalmente quando se trata do uso do se com referência à 1ª pessoa:

- *"A profissão que eu estou pretendendo se formar é a de engenheiro mecânico."*
- *"Um grande sonho que eu tentarei realizar, é se alistar na aeronáutica."*
- *"Nós jovens somos muitas vezes levados a desistir dos seus objetivos de vida (...)"*
- *"Quanto mais estudo mais chance (eu) tenho de se empregar."*
- *"É tão bom pensar no futuro, que às vezes, até (eu) saio fora de si."*

Uso aleatório do pronome sujeito e do pronome objeto.

Já vai se tornando frequente entre os brasileiros, ainda os mais instruídos, o uso do pronome oblíquo em função subjetiva, contrariando, dessa forma, preceitos gramaticais unânimes:

- *"Se não der para mim ser do que eu espero ser (...)"*
- *"(...), chego em casa às 4:30 mal da para mim fazer meus deveres."*
- *"Eu tenho vontade de estudar para me conseguir um futuro melhor."*
- *"(...) a continuidade do relacionamento entre eu e meus atuais colegas (...)"*

Também o uso dos pronomes "ele" e "ela" em função objetiva direta, não fugiu a muitas redações, marcadas por forte oralidade:

- *"(...) recebemos ela com muito carinho (...)"*
- *"(...) mandaram ela apresentar o seu trabalho em uma faculdade."*

Repetição desnecessária do pronome sujeito

Uma tendência bastante marcante foi a repetição do pronome sujeito, talvez por medo de faltar à clareza do discurso, gerando frases frouxas e monótonas:

- *"Eu não tenho certeza do que eu quero ser na vida, mas eu pretendo fazer um curso de contabilidade. Eu quero ser alguma coisa na vida, porque eu não pretendo me casar tão cedo (...)"*

Se o estudante fosse alertado para o conteúdo da terminação verbal de primeira pessoa, que já denota o sujeito, poderia obter melhor desempenho nesse caso.

Uso indevido do pronome

Muito frequente foi o emprego desnecessário do pronome junto a verbos que o rejeitam:

- *"Porque somente quem trabalha sente-se necessidade de estudar."*
- *"Vou me empenhar-se e lutar para um grande e famoso cirurgião (...)"*
- *"Após nove anos de estudo, estou me concluindo o primeiro grau."*

Também o uso do pronome "cujo" deixou muito a desejar. Embora normalmente pouco utilizado, as incorreções em seu emprego atestam o total desconhecimento do assunto por parte dos alunos.

- *"No meu ponto de vista está em questão o horário escolar, cujo horário não nos dá possibilidade de trabalhar (...)"*
- *"(...) cuja área de seus planos futuros não tinha no município onde residia."*
- *"São alunos que os pais, às vezes nem têm condições de dar ao seu filho um bom estudo (...)"*

Nesse último exemplo, o pronome "que" ocupa o lugar que corretamente pertence a "cujos".

2.3.2.5. Emprego do verbo

2.3.2.5.1. Uso de tempo e modos

Quanto ao emprego do verbo, a situação não se mostra melhor que a dos pronomes. A dificuldade se manifesta tanto na conjunção quanto no uso das formas verbais.

- *"Depois que eu obter um ótimo emprego, eu irei pensar em casar."*
- *"(...) mas acho que se eu fazer este curso, vou aprender várias coisas na teoria (...)"*
- *"(...) porque se não termos um curso superior, não teremos um bom emprego."*

Foge ao domínio dos estudantes especialmente o uso dos verbos ver, vir, fazer, ser e estar:

- *"Fazerei o curso de científico no segundo grau (...)"*
- *"(...) quando eu receber o diploma do 2º grau, farei a faculdade."*
- *"Quero que meu futuro seja bastante tranquilo (...)"*
- *"(...) espero que esteja preparada para fazer o que pretendo, medicina."*
- *"As vezes levanto antes de vim para o colégio (...)"*
- *"O dia em que nós virmos sem o uniforme não entramos (...)"*

Com insistência relevante observou-se a falta de correlação entre tempos e modos verbais, intra-oracionais:

- *"(...) talvez eu entre para a aeronáutica e faço curso de direito (...)"*
- *"Se eu não atingisse essa meta, continuarei mesmo nos estudos (...)"*
- *"Embora ter vindo de uma família de baixa renda que morasse em um certo lugar que podemos chamar de favela, seus pais lhe ensinarem a respeitar as pessoas (...)"*
- *"O governo tem que tomar uma medida para que os jovens não somem de dentro das salas de aula."*

Outro fato notório, na generalidade das redações, foi a flexão de ambos os verbos formadores de locução:

- "(...) às vezes os alunos desistem de estudarem."
- "Chegam cansados do serviço para terem que irem estudar à noite."
- "Precisamos estudarmos para sermos alguém na vida (...)"
- "Então vocês devem esterem se perguntando porque pretendo ser enfermeiro?"

Contrariando os preceitos gramaticais, o emprego do verbo "ter" pelo "haver" já se tornou habitual, denotando acentuada influência da oralidade:

- "Tem alunos que vem a escola atoa (...)"
- "Tem professores que da a matéria e nem explica."
- "Por isso que tem maioria de alunos que tem dificuldades na escola."
- "Tem professor que só pensa nele."

2.3.2.5.2. Concordância verbal

Nota-se evidente despreparo dos alunos no que se refere à concordância do verbo com seu sujeito, sugerindo a insuficiência do ensino nesse particular. Vejamos os principais casos:

Sujeito posposto ao verbo

- "Neste final de ano só me resta dúvidas (...)"
- "Falta apenas três anos para concluir o segundo grau (...)"
- "Entretanto, poderá ocorrer algumas mudanças nesses planos (...)"
- "Existe muitos que trabalham e ganham muito pouco."
- "Como está difícil os estudos no Brasil."
- "Pois está cada dia mais caros os livros (...)"

Sujeito no plural e verbo no singular:

- "(...) seria bom se todos sonhasse como eu (...)"
- "Muitos levantam cedo vão trabalhar, depois chega em casa toma um banho e vai para a escola."
- "(...) muitos acaba ficando doido de tanto estudar."
- "De dia eles aprende a lidar com pessoas, máquinas, objetos e etc."
- "(...) muitos saem de casa com fome e quando chega a escola não tem merrenda (...)"

Sujeito no singular e verbo no plural:

- "Este horário é bom mas as vezes atrapalham um pouco."
- "Muitos deles olham o salário, mas o professor que pretende ajudar os outros, não olham isso, não olham nada, pois o que eles realmente quer é fazer de nós um cidadão honesto."
- "Mas quem enfrentam esses problemas somos nós (...)"
- "(...) pois o próprio governo não nos deixam opção."

Flexão do verbo impessoal:

É tão comum na linguagem brasileira a flexão do verbo impessoal que, ao aluno, nada mais natural que passar a discordância para a escrita:

- *“Fazem dois meses que estou passando pela experiência de trabalhar e estudar.”*
- *“Deveriam haver mais boas escolas de segundo grau (...)”*
- *“Se acaso houvessem mais escolas em nossa comunidade (...)”*

Concordância com a palavra “gente”:

Difícilmente se encontra a concordância singular com o sujeito representado pela palavra “gente”:

- *“Se a gente trabalha pouco para estudar recebemos pouco.”*
- *“Eu acho que a gente devíamos nos unir e fazermos um abaixo assinado.”*
- *“Entretanto as condições de vida em que a gente estamos vivendo (...)”*

Concordância com o pronome relativo em função subjetiva:

- *“Há vários outros motivos que leva o aluno a parar de estudar.”*
- *“Eu acho que para todos que estuda e trabalha é difícil.”*
- *“(...) às vezes por estudantes que não trabalha isto prejudica os que trabalha estudar.”*
- *“O pior de tudo são alguns professores que não colabora com o aluno, não ensina nada, não explica nada da matéria (...)”*
- *“(...) tenho que vencer grandes barreiras que por um acaso possa atravessar em meu caminho.”*

2.3.2.6. Emprego dos casos usuais de regência

Tal qual o emprego dos pronomes, a regência evidenciou-se um sério problema para os alunos que constroem seu discurso sem se darem conta da relação entre regente e regido:

- *“Porque eu sonho desde de pequeno que um dia serei militar (...)”*
- *“Espero também em poder continuar os meus estudos (...)”*
- *“(...) se passar em nestas escolas continuarei atrás de Eletrônica (...)”*
- *“Ter uma profissão na qual não me arrependa depois (...)”*
- *“Sem falar com o cansaço que sentimos (...)”*
- *“Dependendo da situação, chega a repetir de ano.”*

Paralelamente ao uso indevido da preposição, notou-se ainda, com grande constância, a falta da preposição em estruturas em que ela é exigida:

- *“Ano que vem estarei o segundo grau, vou optar o curso científico (...)”*
- *“Eu acho que isso não há solução.”*
- *“Eu tenho certeza o que eu quero ser na vida (...)”*

Com grande incidência foi registrado o emprego inadequado do verbo **preferir** que, de acordo com o preceito gramatical, deve vir associado à preposição **a**:

- "*Muitas pessoas, preferem trabalhar do que estudar (...)*"
- "*Há pessoas que preferem desistir de estudar do que trabalhar (...)*"

O uso de crase apresentou para o aluno inúmeras dificuldades. A falta de domínio da regência impossibilitou ao estudante o correto emprego do sinal indicativo de crase. Dificilmente encontrou-se crase em:

Locuções adverbiais do tipo "às vezes", "à noite"...

- "*(...) mas as vezes não podemos trabalhar por causa do horário (...)*"
- "*As vezes quem trabalha não tem tempo (...)*"
- "*(...) tomar um banho, as vezes nem janta (...)*"
- "*(...) as vezes surgem casos do aluno dormir na sala de aula."*
- "*A maioria dos jovens, estudam a noite (...)*"

Locuções prepositivas do tipo "devido à", "à procura de":

- "*No Brasil devido as condições economicas (...)*"
- "*Nos dia de hoje devido a situação alarmante em que se encontramos (...)*"
- "*(...) quando sair por al a procura de emprego."*

A grande maioria dos estudantes emprega sinal de crase antes de palavras masculinas, o que demonstra total desconhecimento do assunto:

- "*(...) é o que peço à Deus (...)*"
- "*(...) contando à eles como se deve plantar (...)*"
- "*Vou para a escola a pé (...)*"
- "*(...) é poder algum dia ser útil à alguém."*

Foi registrada, embora em menor número, a ocorrência do sinal de crase precedendo um "a" enxertado indevidamente antes do pronome "aquele":

- "*(...) e ferei justiça à aquele que for realmente culpado."*
- "*(...) em relação à aqueles alunos que trabalham (...)*"

3. - CONCLUSÕES

A partir da análise dos textos produzidos, foi possível estabelecer, em linhas gerais, as seguintes conclusões:

- os textos, no geral, foram pertinentes ao tema proposto;
- no plano do conteúdo, prevaleceram o primarismo das idéias, a dificuldade de argumentação e a falta de originalidade;
- na área semântica, a linguagem dos alunos caracterizou-se pela deficiência vocabular, substituída pelo uso de jargões, gírias e criações individuais;
- os textos, em sua maioria, revelam a pouca habilidade dos alunos na definição de parágrafos, mais visuais que lógicos;

- o desempenho ortográfico, no todo, apesar da ocorrência de desvios quanto à troca, à omissão de letras e à acentuação, revelou-se pouco preocupante em termos quantitativos;

- grande parte dos alunos concluíram o ensino fundamental sem incorporar o correto uso dos elementos relacionais entre orações, períodos e parágrafos; a conexão na maioria das vezes é feita ignorando-se o sentido veiculado pela partícula de coesão;

- a dificuldade dos alunos com relação ao uso dos pronomes relativos (que, quem, cujo...) é generalizada. As estruturas encabeçadas por esses pronomes ficam geralmente incompletas, sem se apoiarem na oração principal;

- a falta de paralelismo entre estruturas coordenadas, com conseqüente prejuízo da clareza da frase, foi um problema constatado reiteradamente;

- o elemento de coesão mais usado entre orações foi o pronome relativo "onde", que é usado indiscriminadamente, nas mais variadas acepções, fugindo à sua função específica;

- a inadequação do uso da pontuação, sobretudo da vírgula, concorre para a má estruturação dos períodos e, conseqüentemente, para a falta de clareza dos enunciados.

- o uso dos pronomes é muito falho, necessitando, pois, de melhor preparo dos alunos;

- a regência tem sido a grande responsável pela má estrutura das orações, frases e períodos.

4. - REFLEXÃO

Tendo em vista que um dos nossos objetivos é propiciar estímulos à reflexão, em busca de soluções, apresentamos, a título de recomendações, alguns aspectos que julgamos merecedores de espaço nessas reflexões.

1 - Para que qualquer proposta curricular seja bem sucedida, é imprescindível que a prática pedagógica se norteie pela realidade social e lingüística de cada turma. Cada contexto terá um tratamento específico, cujas linhas mestras apenas os agentes envolvidos naquele determinado processo ensino-aprendizagem saberão definir, baseados no bom-senso, na sensibilidade e na consciência profissional.

2 - Dentro dessa perspectiva de pensamento, infere-se que um livro didático, por mais moderno e bem elaborado que seja, jamais substituirá os recursos pedagógicos e a criatividade do educador, pois é um material de natureza abrangente e não se aplica, como um dogma de fé, à realidade específica de cada classe. É, sem dúvida, um subsídio valioso, mas não o guia da prática pedagógica.

3 - Dada a dimensão do papel do professor, agente diretamente responsável pela melhoria da qualidade do ensino, e em face da amplitude dos conhecimentos e serviços que lhe são exigidos, é imprescindível que lhe sejam dadas condições de aperfeiçoamento e apoio efetivo no exercício de suas funções.

4 - A família e a comunidade são partes igualmente responsáveis no processo ensino-aprendizagem. Um maior envolvimento de todos, especialmente dos pais, no acompanhamento da vida escolar dos estudantes, sem dúvida, surtiria efeito muito positivo, uma vez que os alunos passam a maior parte do dia fora da área de atuação da escola. A qualidade da escola pública só será resgatada mediante um esforço conjunto de todos: GOVERNO/ESCOLA/SOCIEDADE.

5 - Fato preocupante foi a constatação, num universo significativo de alunas, do desejo de fazer o "Magistério", alegando serem muito pobres ou despreparadas para misteres mais elevados. Buscam, assim, no Magistério, o único recurso para uma "subidinha na vida". Ao que parece, a carreira de professor é vista como profissão de somenos importância - apenas uma forma elementar de sobrevivência. Resgatar a imagem da Escola Normal parece-nos de vital importância.

5 - RECOMENDAÇÕES

A partir das reflexões suscitadas pela análise qualitativa das redações, poder-se-ia propor, a título de recomendações:

1 - aprimoramento do professor de português, com o objetivo de garantir-lhe maior segurança na orientação dos alunos, tendo em vista as mudanças e concepções inovadoras do ensino da língua materna;

2 - promoção de uma política de valorização, acompanhamento e atendimento efetivo às necessidades do professor;

3 - desenvolvimento do hábito de auto-análise em nível de instituição escolar, visando à formação de uma consciência crítica a respeito do uso da língua materna em termos de efetividade da comunicação;

4 - produção, divulgação e/ou seleção criteriosa de materiais didáticos adequados às características sócio-lingüísticas locais, ao nível dos alunos e às suas reais necessidades;

5 - participação efetiva dos pais como co-autores do processo ensino-aprendizagem;

6 - reabilitação da dignidade social das instituições escolares e dos seus agentes.

ANEXO I

O texto a seguir exemplifica bem o desempenho lingüístico encontrado com maior frequência entre os alunos da oitava série noturna: nível médio, tendendo para fraco.

Seu autor, embora tenha omitido o título da redação, ateve-se à proposta: dificuldades encontradas pelo aluno do noturno para conciliar estudo e trabalho. Tal qual este aluno, a grande maioria dos estudantes, nas diversas DRE, valeu-se desta oportunidade não só para denunciar as irregularidades observadas na Escola Estadual, comprometedoras de seu rendimento escolar, mas também para reivindicar benefícios e melhorias junto ao governo.

Este aluno tentou organizar o texto em três partes - introdução, desenvolvimento e conclusão - correspondendo, cada uma, a um parágrafo. Logrou êxito quanto ao aspecto formal - o distanciamento uniforme dos parágrafos em relação à margem esquerda - mas foi infeliz quanto à organização das idéias dentro de cada bloco. Assim é que iniciou o desenvolvimento no parágrafo introdutório; congestionou o segundo parágrafo com um número excessivo de informações, quando o ideal teria sido desmembrá-lo em, pelo menos, dois; para concluir, apesar de o conectivo conclusivo "portanto" encabeçar o último parágrafo, o texto foi arrematado com idéias totalmente desvinculadas das que foram apresentadas na introdução e no desenvolvimento. Percebe-se que este aluno tem noção da teoria da organização textual, mas não sabe aplicá-la na prática.

REDAÇÃO

APRESENTAÇÃO FINAL (a tinta, LETRA LEGÍVEL)

1 Nós /alunos da escola noturna/temos que conter
 2 trabalho e estudo. Se agente não for muito esforçado
 3 e não tendo muita força de vontade/não consegue em
 4 fazer as dificuldades /pois os professores não entendem
 5 nossos problemas, pois sempre nos cobram e pune
 6 pelas faltas não feitas, pois é muito difícil fazer
 7 dos os deveres em casa /pois o único tempo que
 8 sobra é o intervalo para o almoço.

9 A maioria dos alunos que trabalham ao dia
 10 e estuda a noite chega na escola cansado que até
 11 dorme na carteira se a aula não é interessante e o
 12 pior é que não é /pois o professor, também está
 13 cansado e sem condições de ensinar esta matéria.
 14 Manda os alunos ler a matéria no livro e falar o
 15 que entender. E/dem da gente não entende nada/fica
 16 por isso mesmo /porque o professor não explica. Vocês/
 17 do governo /precisam saber o que o aluno de noite
 18 no sofre. Vocês precisam melhorar o ensino e as
 19 condições da escola /pois a iluminação é ruim,
 20 as salas, não tem ventilação adequada, os brancos,
 21 são negros, a merenda / quando tem /é só sopa, e
 22 biblioteca, nunca tem o livros que precisamos para fazer
 23 os trabalhos e /na saída da aula /agente corre até risco de
 24 vida por causa da escuridão e da falta de policiamento.

25 Portanto /agora que está terminando a 8ª série /vou ter
 que sair desta escola e fazer para de estudar /pois aqui não
 tem 2º grau e eu não tenho condições de pagar escola par-
 ticular.

4

O emprego dos elementos de coesão entre as orações deixou também bastante a desejar. Observe-se, na segunda metade do primeiro parágrafo, o uso redundante da conjunção “pois”. Note-se ainda a impropriedade de seu emprego na articulação: “(...) sempre nos cobram e pune pelas tarefas não feitas, pois (?) é muito difícil fazer todos os deveres em casa (...)”

Também no segundo parágrafo houve tentativa frustrada de vinculação consecutiva: “(...) chega na escola (?) cansado que até dorme na carteira (...)”. Ainda no segundo parágrafo, atente-se para o emprego indevido da expressão “além de” ao invés de “apesar de”: “E além da gente não entender nada fica por isso mesmo porque o professor não explica”. Igualmente inadequado, como já se viu, foi o uso da conjunção “portanto” como elemento de transição entre o segundo e o terceiro parágrafos.

Outra falha que pode ser apontada no texto deste aluno é a falta de paralelismo sintático entre elementos ligados pela conjunção “e”:

*“Se a gente não for muito esforçado
e não tendo muito força de vontade (...)”*

*“A maioria dos alunos que trabalham ao dia
e estuda a noite (...)”*

As dificuldades do aluno não param aí. Inúmeros outros desvios formais aparecem no texto, revelando que seu autor chegou ao final do 1º grau sem a desejável interiorização de estruturas sintáticas básicas como, por exemplo, as que envolvem a concordância entre sujeito/verbo e substantivo/adjetivo”

- “(...) os professores (...) nos cobram e pune (...)”
- “(...) alunos que trabalham ao dia e estuda a noite chega cansado que até dorme (...)”
- “(...) as salas, não tem ventilação (...)”
- “(...) manda os alunos ler a matéria no livro e falar o que entendeu.”

Outro problema que chama a atenção nesse texto é a total falta de critério na utilização da vírgula, aliás, um dos aspectos em que se registrou a maior concentração de desvios. No caso específico deste aluno, a vírgula é normalmente omitida, mesmo nos casos de uso obrigatório. Todavia, insiste em usá-la onde seu emprego é definitivamente proibido, como, por exemplo, separando o verbo de seu sujeito:

- “(...) as sala, não tem ventilação (...)”
- “(...) os banheiros, são nojentos (...)”
- “(...) a biblioteca, nunca tem livros (...)”
- “(...) o professor, também está cansado (...)”

Merecem ainda ressalva as falhas ortográficas, especialmente as trocas e omissões de letras.

ANEXO II

O conteúdo acha-se bem disposto na página, o aluno respeitou as margens laterais, observou o espaçamento indicador de parágrafo, centralizou o título e revelou uniformidade no traçado das letras e no espaçamento entre as palavras.

Meus planos para o futuro

Eu tenho 15 anos, estou terminando o curso de 1º grau aqui em São Tomás de Aquino.

Eu gosto muito da Escola, os professores são muito legais e tenho muitos amigos.

No ano que vem gostaria muito de estudar aqui, mas eu não quero fazer magistério, então vou ter que estudar fora.

Eu quero fazer um colégio forte e bom/ que dê base para uma universidade, com pessoas legais e que deem o curso a sério como eu quero fazer.

Depois do colégio quero fazer faculdade de "Psicologia" ou "Direito", e quero exercer qualquer uma das duas profissões com muita amor e dedicação.

Durante esse tempo de estudo/ quero me divertir muito, quando der tempo, ir às festas, namorar e tudo que um jovem faz.

Quero um futuro cheio de paz, muita alegria e apoio de todas as pessoas/ que eu gosto.

10

Helena Alves Oliveira

Também com relação ao conteúdo, o texto satisfaz às expectativas. Mantendo-se dentro do tema proposto, o aluno expôs idéias relevantes em relação ao mesmo.

A organização geral do texto é adequada. A seqüência natural das idéias faz o texto crescer em fluência, tornando agradável a sua leitura.

O título é adequado às idéias desenvolvidas e o vocabulário, objetivo, conduz espontaneamente à conclusão.

Quanto ao aspecto instrumental, o texto revelou-se também satisfatório; o aluno demonstra bom nível de automatismo ortográfico.